

**REVELAÇÃO DE DEUS: HELENISMO E O NOVO TESTAMENTO**

*José Laylson de Albuquerque Santos*  
*laylsondealbuquerque@gmail.com*

**RESUMO:** A revelação de Deus, apesar do meio empregado e da qualidade do desvendamento, seja através da natureza ou da Palavra encarnada, imperfeita ou o ápice da perfeição, continua sendo revelação a respeito da divindade triúna. O resumo trata da relação entre as categorias de revelação definida na teologia sistemática, e para isso usa de revisão bibliográfica e análise da relação que os apóstolos João e Paulo fizeram entre filosofia grega e a revelação bíblica.

**Palavras-chave:** Revelação especial; Revelação geral; Helenismo; Bíblia; Logos - Filosofia.

## **1 INTRODUÇÃO**

O estudo surge a partir de atividades e reflexões feitas em sala de aula durante o período 2023.1 na Faculdade STBNB, ele possui uma abordagem teológico-filosófica cujo o fim é compreender a partir da concepção de Herman Bavinck, Heber Carlos de Campos, Emil Brunner e outros autores, a relação entre revelação geral, revelação especial e a forma que essa relação se insere no entendimento do contato da cultura helênica com os escritos joaninos e paulinos.

## **2 METODOLOGIA**

Foi feita pesquisa bibliográfica a partir de Livros, Artigos e outras literaturas acadêmicas que lidassem com as temáticas de “Revelação” e a influência helênica na literatura joanina e paulina.

## **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ao se debruçar no estudo teológico, existe uma cautela fundamental que se deve exercer durante toda a pesquisa, e que não está presente nas demais áreas de conhecimento: o homem não pode “se colocar acima do objeto de sua investigação [...], e, sim, sob o objeto do seu conhecimento.” (Berkhof, 1996, p. 36). Colocar o Criador eterno como um “objeto de estudo” sob a capacidade intelectual humana afeta a compreensão do próprio ser de Deus, ser esse que transcende toda e qualquer capacidade de compreensão do ser humano. O que faz com que o “objeto” de estudo deixe de ser o Deus verdadeiro que criou a humanidade segundo sua imagem e semelhança (Gênesis, Capítulo 1, versículo 26), e se torne um deus criado a semelhança do imaginário finito do homem.

O ato de estudo a respeito de Deus na perspectiva cristã protestante parte do pressuposto de que não é o homem, como que tateando, que encontra evidência a respeito de seu Criador e então formula teorias a seu respeito. Toda tentativa semelhante a essa carecerá de uma, “revelação real de Deus” (Bavinck, 2022, p. 11), e isso por conta da “realidade do pecado” (Brunner, 2010, p. 175). A busca do conhecimento de Deus, como ele sendo um objeto que está sob a mente humana, seria uma busca meramente pela adoração da vontade do próprio homem de suprir uma necessidade religiosa que resulta, ainda segundo Bavinck (2022, p. 11), em uma caricatura e sombra da religião verdadeira.

Tais conclusões não querem dizer, no entanto, que o ser humano seja completamente alheio a todo e qualquer conhecimento de Deus, e sim que todo conhecimento a respeito do Eterno não provém de qualquer esforço humano e sim do próprio Deus. A humanidade conhece a Deus na medida em que Ele próprio se revela e, “torna-se objeto de estudo do homem na medida em que este assimila e reflete o conhecimento a ele transmitido pela revelação.” (Berkhof, 1996, p. 36), Berkhof ainda atesta a impossibilidade da teologia sem a autorrevelação de Deus.

A palavra “revelação” tem sua raiz etimológica no termo latino *revelo*, e geralmente traduz no Antigo Testamento a palavra hebraica *galah*, que também pode significar *descobrir*, aparecendo 23 vezes e no Novo Testamento a palavra grega *apocalypsis* que aparece 44 vezes (Campos, 2017, p. 152). Ao analisar o uso desses dois termos (hebraico e grego), entende-se que eles são utilizados em pelo menos dois meios de revelação com distinta abrangência cada: “uma revelação na natureza que nos cerca, na consciência humana, e no governo providencial do mundo e uma revelação encarnada na bíblia como a Palavra de Deus.” (Berkhof, 1996, 38).

Com base em textos Bíblicos como o Salmo 19, verso 1 e 2, ou a carta aos Romanos, capítulo 1, versículo 18 ao 21, entende-se essa revelação na natureza e na história como sendo *geral*, tendo em vista sua abrangência alcançando toda a humanidade, impactando inclusive a cultura humana (Bavinck, 2022, p. 23), mesmo que de alguma forma ainda distorcida pelo pecado. Já a revelação encarnada na Bíblia se trata da comunicação de Deus em que ele se auto desvenda para a humanidade de uma forma especial através de teofanias, profetas, milagres e visões; onde Deus torna essa revelação inteligível apenas “àqueles que estão prestes a se tornar membros de seu povo e àqueles que já são salvos” (Campos, 2017, p. 153).

Embora haja clara distinção entre as duas revelações, ambos estão intimamente ligados (Bavinck, 2022, p. 24), de tal modo que a revelação especial poderia ser ininteligível sem que a revelação geral agisse em nossa auto consciência e na forma de perceber o mundo ao nosso redor, fornecendo percepção do ser de Deus. Afinal, é através da imagem ainda presente no ser humano, mesmo que caído, que é conferido “o poder de ir além da matéria, podendo raciocinar, estabelecer conexão e visualizar o invisível” (Maia, 2019, p. 31), sendo o próprio homem, segundo Hermistein Maia, uma revelação (na categoria de revelação geral) maior que toda a natureza.

No entanto, do mesmo modo a revelação geral, sem a atuação do esclarecimento da revelação especial juntamente com a graça salvífica, é obscurecida pelo pecado, embora não anulado. É evidente afirmar “o significado negativo do pecado para a percepção da verdade da revelação na Criação” (Brunner, 2010, p. 175), o próprio Paulo na carta aos Romanos, capítulo 1, versículo 21, ao afirmar o conhecimento sobre Deus presente na criação, deixa claro que os homens não o glorificaram diante dela.

Tendo em vista a atuação de Deus se auto revelando através da natureza e da história, podemos então perceber influências dessa revelação geral nas culturas pelo mundo e até mesmo no próprio anseio do homem pelo transcendente, pois a humanidade “tomada como um todo, tem sido, ao longo dos tempos, supranaturalismo até o mais profundo de seu ser.” (Bavinck, 2019, p. 51). Uma destas culturas que se pode perceber a influência da revelação geral é a grega, mais especificamente sua filosofia, cuja qual é possível encontrar resquícios na literatura joanina e paulina do Novo Testamento.

Pode-se perceber, mesmo que envoltos no obscurecimento do pecado, verdades contidas na filosofia grega que ao serem remidas pela revelação verbal podem servir para a melhor compreensão do divino. Por exemplo, para Platão nossos olhos precisam de uma terceira coisa para enxergar, ou seja, aquele que emite luz: o sol. No mundo das ideias o bem é aquilo pelo qual é possível se conhecer a verdade a ciência, “representa o limite extremo e a custo discernível do mundo inteligível, mas quando compreendida, se impõe à razão como a

causa universal de tudo o que é bom e belo” (Platão, 2017, p. 240). Logo o Sol que iluminava o mundo externo seria o bem que, segundo Platão, “gerou no mundo visível a luz e as fontes da Luz. Embora tateando Platão não pôde encontrar aquele que é o extremo bem e razão de todas as coisas, ao se analisar a filosofia platônica com base na revelação especial pode-se então nomear aquele que é a Luz que alumia o mundo, segundo o evangelho escrito por João (capítulo 1, versículo 4 e 5): Jesus.

Para continuar no evangelho segundo a narrativa de João, no capítulo 1, versículo 1, há uma influência de Heráclito e seu logos de acordo com Sproul (2002, p. 22). No entanto, “João deu ao termo um conteúdo das categorias hebraicas de pensamento”, embora ainda assim não possamos separar o pensamento grego “do uso que João faz do termo”. Pode-se notar então um movimento de João a fim de utilizar da verdade que há na filosofia grega, mesmo que incipiente, para então desenvolver uma verdade maior, afinal “toda verdade é verdade de Deus.” (Veras, 2019, p, 49).

Paulo, da mesma forma, ao direcionar sua mensagem a um público gentílico na primeira carta aos coríntios, capítulos 15, versículo 33, demonstra ter conhecimento da cultura daquele povo e ao identificar verdades nela, utiliza um poema “grego bastante popular na época.” (Ribeiro, 2015, p. 42). Isso demonstra a importância que a revelação geral tem na compreensão da revelação especial.

É necessário o cuidado de ressaltar a superioridade da revelação Bíblica frente às filosofias humanas (Colossenses, capítulo 2, versículo 8), não se pode limitar o drama do desvendamento da revelação de um ser infinito na mente a simples lógica finita, justamente por essa revelação nos propor uma relação (não meramente um raciocínio) com um Deus que vai além de toda lógica terrena. Aqueles homens desenvolveram filosofias e termos que criam um ambiente propício para essa relação de compreensão com a revelação Bíblica, mas pelo próprio fato de serem meramente lógicos, eles não permitem conclusões exaustivas nem na relação, nem na compreensão de um Deus que vai além de toda lógica humana.

Chega-se então a algo um tanto antropológico, quando se pensa que o “casamento” entre filosofia e revelação Bíblia ocorre a priori na mente humana; seja do autor bíblico, do filósofo ou do teólogo moderno, isso pode trazer dados a respeito da forma de pensamento humano e como ele se relaciona com as mentalidades a sua volta. Para a revelação bíblica, esses pontos de convergências entre ela e a filosofia podem acontecer na mente humana, por conta da filosofia verdadeira ser o contato da mente com os atributos divinos contidos na revelação que a natureza traz a respeito de Deus (Romanos, capítulo 1, versículo 19 ao 20). Com base nisso, o homem pode então deduzir pontos de convergências entre as verdades filosóficas e a revelação bíblica justamente porque ambas (a filosofia indiretamente e de forma imperfeita, por ser conclusões humanas a partir da revelação geral; e a revelação Bíblica ou especial de forma direta e perfeita, por ser de natureza superior) derivam de Deus.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao definir as duas formas de revelação, geral e especial, e conjecturar possíveis formas de relação entre elas, foi demonstrado através da relação de aspectos da revelação geral contidas na filosofia e poética grega a relação que os autores inspirados do novo testamento tiveram com elas. Demonstrando assim que toda verdade, mesmo que tendo origens não derivadas diretamente da revelação especial de Deus, continua sendo verdade de Deus, afinal o Criador é Senhor sobre toda o cosmos.

## REFERÊNCIAS

- BAVINCK, Herman. **Teologia Sistemática**. Vol. 1. Londrina: Livraria Família Cristã, 2022.
- BAVINCK, Herman. **A Filosofia da Revelação**. Brasília: Editora Monergismo, 2019.
- BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. 4. ed. Campinas: Luz Para o Caminho Publicações, 1996.
- BRUNNER, Emil. **Dogmática: doutrina cristã de Deus**. Vol. 1. 2. ed. São Paulo: Fonte Editorial, 2010.
- CAMPOS, Heber Carlos de. **Eu sou: doutrina da revelação verbal de Deus**. Vol. 1. São José dos Campos: Fiel, 2017.
- MAIA, Hermisten. **O Homem no Teatro de Deus: providência, tempo, história e circunstâncias**. Eusébio: Editora Peregrino, 2019.
- PLATÃO. **A República**. São Paulo: Lafonte, 2017.
- SPROUL, R. C. **Filosofia Para Iniciantes**. São Paulo: Vida Nova, 2002.
- RIBEIRO, Reyth da Cunha. **A influência helenística na vida, obra e teologia do apóstolo Paulo**. 2015. Dissertação, mestrado (teologia) — Faculdade EST, São Leopoldo, 2015.
- VERAS, Valberth. **Intensamente: um manual para a vida intelectual cristã**. Eusébio: Peregrino, 2019.